



Lúcio COSTA

Quando Brasília comemora seu 41º aniversário, prefiro pôr de lado seus desacertos e lembrar apenas JK, que a sonhou e construiu, e Israel Pinheiro, sem dúvida o seu principal colaborador. Contar que Brasília começou muitos anos antes, quando, prefeito de Belo Horizonte, JK construiu o conjunto da Pampulha em Minas Gerais.

Lembro aqueles velhos tempos que com ele vivemos. Os mesmos problemas, a mesma correria e o mesmo entusiasmo, repetidos em Brasília vinte anos depois. Recordo-o, na Pampulha, a nos levar de barco, altas horas da noite, para ver os edifícios a se refletirem nas águas da represa. Foram anos de trabalho e boa amizade, que, com o meu colega Marco Paulo Rabello, nunca esquecemos.

E tudo isso explica JK a procurar-me um dia na minha casa das Canoas: "Niemeyer, vamos construir a nova capital do país". E, dias após, eu o acompanhava para ver o local escolhido, e, aos que espantava essa escolha, tão distante, ele se limitava a dizer: "Vou levar o progresso para o interior do país".

Brasília surgia, e aos seus amigos mais íntimos envolvidos no empreendimento preocupava a dificuldade que ele teria para acompanhar o início da obra. Daí a idéia de construir uma casinha de madeira, o Catetinho, onde pudesse passar os fins de semana.

E parece-me vê-lo, a casinha já construída, a conversar sobre aquela aventura, eufórico, como se Brasília estivesse realizada, os palácios construídos, e a vida a substituir o silêncio e a solidão daquele cerrado.

Dava-me a impressão de um príncipe da Renascença, voltado para a beleza que naqueles tempos tanto os possuía. A falar dos palácios que faria, das paredes de mármore e ônix, das esculturas e pinturas que poderiam enriquecê-las, das avenidas e praças que iria construir, esquecido da realidade, daquela terra imensa e vazia difícil de urbanizar. Um entusiasmo, um otimismo, que permitiu evitar que Brasília surgisse como uma capital qualquer.

E as obras começaram. Toda semana JK aparecia, a todos incentivando com a sua simpatia contagiante. E cedo, muito cedo, Israel já estava a correr os canteiros de serviço, a nos convocar para o trabalho. Do meu carro ficava a olhar meus companheiros entrarem nos ônibus da Novacap para logo desaparecerem na poeira da estrada.

E foi num barracão coberto de zinco que desenhamos todos os palácios da nova capital. O Plano Piloto ainda estava em elaboração, e, com o capim a nos bater nos joelhos, Israel Pinheiro e eu escolhemos o lugar onde deveria ser construído o Alvorada. Para projetar os palácios, inclusive o do Congresso, nos faltava tudo. Nenhum programa, nenhuma previsão sobre o número de parlamentares que aumentaria com o tempo. A pressa tudo justificava.

Não vejo razão para nos queixarmos do desconforto existente, nem das angústias da solidão: era para trabalhar que ali estávamos, como funcionários, corretos como se impunha, conscientes da importância da obra em que colaborávamos.

Lembro, um dia, JK a me telefonar: "Niemeyer, sei que você tem problemas de dinheiro. Quero que projete a sede do Banco do Brasil e a do Banco de Desenvolvimento Econômico pela tabela do IAB". E eu a responder: "Não posso, sou funcionário".

Foi assim nesse clima de trabalho e correção que a construção de Brasília transcorreu,

com Israel Pinheiro a estimulá-lo, empreendedor e honesto como sempre foi. Pouco a pouco, baseada no Plano Piloto de Lúcio Costa, Brasília aparecia como um oásis naquela terra vazia e abandonada. As ruas, as praças, os palácios etc. Era a arquitetura a enriquecer o horizonte raso e sem fim do planalto. A cidade que o otimismo de JK permitiu realizar em tão curto prazo: “Não quero”, dizia ele, “uma cidade qualquer, feia e provinciana, mas uma cidade moderna, que possa exprimir o futuro e a grandeza de nosso país”.

Em 1960, Brasília foi inaugurada, diferente de todas as capitais até hoje construídas — diferente de Washington, por exemplo, que em nada contribuiu para o mundo da arquitetura e do urbanismo. Uma obra realizada em quatro anos apenas, surpreendendo os países mais ricos, mais experientes, e por isso mesmo despidos dessa ousadia que marca as nações mais jovens, abertas para tudo que significa liberdade e invenção.

Quando olho para trás — excluindo o período negro da ditadura —, só lembro apoio e solidariedade de todos os que passaram pelo Alvorada, pelo Senado e pelas Câmaras dos Deputados e de Vereadores.

Hoje mesmo é com prazer que sinto como as obras por nós projetadas vêm sendo cuidadas. O Alvorada, os palácios da Praça dos Três Poderes recuperados, e a conclusão do Eixo Monumental, tão importante para esta cidade, pela primeira vez atendida.

Olho os jornais, as revistas estrangeiras, e constato, satisfeito, que Brasília está sempre presente. Uma cidade pensada e construída por brasileiros — com o suor dos nossos irmãos mais pobres, que para ela acorreram confiantes, como se a vida fosse justa para todos.

Reportagem: Correio Braziliense, 21 de abril de 2001.

Bernardo Sayão